



A APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA NO ENSINO CONTEXTUALIZADO

VIEIRA, Vanessa Cristielen Ferreira Vieira (UEG)¹

GT 8 – Docência de Língua Portuguesa na Educação Básica

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo repensar e discutir acerca da leitura e escrita perante o ensino pragmático. Levando em consideração a relevância do ler e escrever no desenvolvimento dos indivíduos e como a prática docente afeta o entendimento do ato de ler e consequentemente as produções escritas providas do mesmo. Propomos uma reflexão sobre os contextos que permeiam o ensino da leitura e escrita e como o professor, juntamente com o corpo escolar possuem um papel essencial para que a aprendizagem neste sentido seja produtiva e significativa para os alunos. Entendemos que ao longo da história muito se considerou que para se ler e escrever bem precisava-se somente de conhecer a gramática, porém novas pesquisas sobre a temática abordaram que questões sobre cultura, aspectos sociodemográficos, conhecimento prévio e linguísticos também interferem na qualidade da leitura e escrita. Pautamo-nos na premissa de que a ler não é apenas decodificar os signos, e escrever não se resume na estruturação de palavras e termos gramaticais, uma vez que grande parte dos recursos usados em sala tendem a priorizar a decodificação e reprodução como princípios do ensino da leitura e escrita. Os recursos padronizados, mais comuns no ensino da leitura e da escrita não estão direcionados para a qualidade do entendimento do que se lê, logo a produção escrita também se afetará. Então a proposta deste estudo colabora para que possam surgir novos olhares para como o ensino neste aspecto, bem como repensar a prática dos docentes perante o contexto de seus alunos. Para tanto, o artigo traz autores como Vygotsky (1984), Oliveira (2010), Martins (1998), Geraldi (1996). Além dos relatos da prática docente.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Ensino aprendizagem. Pragmática.

Introdução

O ato de ler e escrever sempre foram considerados os pilares essenciais par designar conhecimento. A capacidade desenvolvida pela leitura e escrita esteve vinculada ao ato de estudar gramática. Oliveira (2010). A relevância da leitura para o desenvolvimento do

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Letras, Universidade Estadual de Goiás (UEG). Graduada em Pedagogia, Fundação Antares de Ensino Superior, Extensão – FAESPE. Pós Graduada em História do Imaginário e Literatura, Faculdade Itapuranga (FAI).



indivíduo é indiscutível, portanto deve ser refletida em suas diversificações, por ter a capacidade de ampliar os saberes quando ensinada de forma a atender as necessidades do leitor.

Problematizar o ensino da leitura é uma forma de percebermos que a mesma vai além das palavras pronunciadas, ler depende da visão de mundo das pessoas e dos significados que o texto fará para quem o lê. Mesmo que os profissionais da educação sejam cientes em relação as transformações proporcionadas pela leitura, ainda podemos perceber problemas com a formação de leitores nas escolas.

Vale ressaltar que para que ocorra uma leitura e escrita significativas, diversos elementos precisam ser considerados neste processo, nosso conhecimento lingüístico é um deles, bem como aspectos culturais. Geraldi (1996) coloca que antes de qualquer atividade em sala de aula, é necessário considerar que toda e qualquer metodologia de ensino relaciona-se a uma opção política que envolve teorias de compreensão e de interpretação da realidade com mecanismos usados em sala de aula.

Pensar nas produções também é um assunto referente a uma boa leitura, uma ação depende da outra. Escrever exige que o indivíduo tenha conhecimento e interesse em falar através da escrita sobre algo. A prática é complexa e não se limita somente à uma organização de palavras e termos gramaticais, mas da intertextualidade para se compreenda de fato o que se escreve, para quem se escreve e em que situação se escreve.

Portanto, é válido entender como a escola e professores lidam com estas questões, juntamente com os métodos usados no ensino tradicional. Se faz pertinente despertar novas visões à este respeito, de forma a instigar uma reflexão da prática docente enquanto responsáveis por formarem futuros leitores e escritores, que serão responsáveis pelo desenvolvimento de outras pessoas, o que justifica a necessidade de transformar as práticas que fragmentam os conhecimentos, aos invés de interligá-los á realidade de mundo em que os alunos vivem e convivem.

A aprendizagem da leitura e escrita no ensino contextualizado

O ensino da leitura e escrito tomou novos moldes ao longo do tempo e algumas concepções



influenciaram de forma significativa as novas visões para com esta prática, concepções consideradas por Geraldi (1991):

- a) a linguagem é a expressão do pensamento: esta concepção ilumina, basicamente, os estudos tradicionais. Se concebermos a linguagem como tal, somos levados a afirmações – correntes – de que pessoas que não conseguem se expressar não pensam;
- b) a linguagem é instrumento de comunicação: esta concepção está ligada à teoria da comunicação e vê a língua como código (conjunto de signos que se combinam segundo regras) capaz de transmitir ao receptor uma certa mensagem. [...];
- c) a linguagem é uma forma de inter-ação: mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana: através dela o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria praticar a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não pré-existiam antes da fala. (p. 43)

Somos conscientes da importância que a leitura e a escrita possuem para as pessoas. Ler e escrever nos tornam mais acessíveis, socialmente, nos oferecem melhores oportunidades, não somente profissionais, mas como seres pensantes. A leitura é o caminho de qualquer conhecimento, sendo o melhor para nos auto desenvolvermos, sermos críticos, com capacidade crítica de compreender o que se passa à nossa volta.

Saber ler e escrever, já entre os gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente a sociedade, no caso à classe dos senhores, dos homens livres. (Martins 1994).

Dentro do contexto social, a leitura é fundamental. É importante que nossos saberes sejam priorizados no ensino da leitura, pois antes de conhecermos os signos e seus significados, já possuímos uma carga cultural, transmitida em casa, em um meio informal. Esse fator é diferente em cada um de nós e consequentemente o que pensamos ou objetivamos em relação as outras aprendizagens serão reflexos do já conhecemos.

[...] transporte-me para um quarto de despejo; aí, empoleirado sobre uma cama de armar, fiz de conta que estava lendo: seguia com os olhos as linhas negras sem saltar uma única e me contava a história em voz alta, tomando o cuidado de pronunciar todas as sílabas (...) fiz com que me surpreendessem _, gritaram admirados e decidiram que era tempo de me ensinar o alfabeto. Fui zeloso como catecúmeno; ia a ponto de dar a mim



mesmo aulas particulares; eu montava na minha cama de armar com o Sem família de Hector Malot, que conhecia de cor e, em parte recitando, em parte decifrando, percorri-lhe todas as páginas, uma após outra: quando a última foi virada, eu sabia ler. (SARTRE, p.15)

A leitura é um conceito amplo e não pode ser reconhecida apenas como decodificação de signos. Ela é parte da realidade a qual o indivíduo está ligado. Deve-se investigar acerca desses saberes e entender de que forma podemos, enquanto educadores reforçar e desenvolver este leitor diante do seu contexto de vida. Como afirma Cagliari (1998) “toda criança que entra na escola já pensou sobre várias questões e já acumulou informações em sua mente. Considerar a criança enquanto sujeito articulador de idéias é fato de grande relevância para sua aprendizagem escolar.”

Então, pensar no ensino da leitura é considerar o que os alunos já sabem como ponto de partida na prática. Entender que a forma em que o texto é colocado para o aluno e com ele palavras que não fazem parte do conhecimento pessoal e cultural do mesmo, designará a realização ou não da leitura. Mesmo que ele decifre a estrutura gramatical e semântica é pertinente que o que está escrito faça parte do entendimento deste aluno para ele inferir significado ao que decodificou. Os fatores lingüísticos e enciclopédicos são necessários para a realização da leitura. Brito (2010, p.10) destaca que “Cada leitor ao fazer uma leitura, trava um contato direto com o texto, trazendo para o seu objeto de leitura as suas experiências pessoais, suas ideologias, seus conceitos, é isto que faz o ato de ler tão importante.”

Ações que despadronizam o ensino de ler e escrever do senso comum é o que realmente fará diferença na realidade educacional em relação à formação de leitores. Não podemos pensar que todos vão ler de uma única forma, que a linguagem é uma só para todos, e que os significados não se alteram. A ideia de entendermos a diversidade também se aplica no contexto educacional. Paulo Freire afirma que “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo; os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Neste sentido, é favorável repensar o papel da escola enquanto responsável pela formação dos futuros leitores. Refletir como se acontece o ensino baseado nos diversos saberes dos alunos e perceber que eles colaboram para o desenvolvimento dos mesmos.



Discutir se as atividades disponibilizadas atendem ao conhecimento específico dos alunos ou se existe a preocupação em esclarecer padrões da linguagem ou vocabulário desconhecidos por eles, para que possam de fato realizar a leitura. De acordo com Garcia (2008, p. 19) “[...] na escola, deve-se ensinar aos alunos o que é uma língua, quais as propriedades e usos que ela realmente possui e qual é o comportamento da sociedade e dos indivíduos com relação aos usos lingüísticos”.

Em seu texto, O ensino pragmático da leitura, Luciano Amaral Oliveira enfatiza sobre estas questões que envolvem o ensino da leitura, bem como destaca o quanto importante que o professor disponha à seus alunos os objetivos do texto lido, para que assim a intencionalidade da leitura seja entendida pelos alunos. Logo há um desafio a ser cumprido, o que desperta o interesse e dinâmica dos leitores em relações as informações textuais.

Quando lemos algo, o conhecimento armazenado que possuímos se faz presente para que possamos associar o enunciado pronunciado com o que faz parte do que já compreendemos de forma a pensar nos significados que podemos oferecer à leitura de acordo com os objetivos traçados pelo professor. “... A associação de elementos que formam esse quadro mental é resultante de nossas experiências de vida em sociedade, os quais nos fornecem informações que armazenamos em nossa mente” Oliveira (2010, p. 69).

A função do professor é mediador, ensinar aos alunos as estratégias para uma boa e eficiente leitura. Tudo o que se apresenta em um texto são informações relevantes para seu entendimento, no entanto vale colocar aos alunos que nem tudo ficará explícito aos enunciados. São os elementos metodológicos usados pelo professor que farão da leitura uma prática interessante e significativa. “Como mediador, cabe ao professor a tarefa de ajudar seus alunos a dominarem estratégias de leitura que lhes sejam úteis nos atos de interpretação textual” Oliveira (2010).

A assimilação dos gêneros e intencionalidade textual são aspectos que devem ser colocados em sala de aula, visto que as colocações dos livros didáticos são superficiais quando tratam de gêneros e elementos que fazem parte do texto e são de suma importância para o seu entendimento. As definições sobre gêneros e seus componentes nos livros, que



são o principal instrumento nas aulas não oferecem conceitos conforme os textos que estão presentes na sociedade, os quais são de conhecimento dos alunos.

Compreender a leitura é mais do que analisar os aspectos lingüístico-textual discursivos das produções lingüísticas: é tentar desvelar os processos sociocognitivos que se constituem através de mecanismos lingüísticos, mas que não se restringem a eles. Pressupostos indispensáveis para a constituição dos sentidos através do texto são processos cognitivos (a percepção do som, da forma escrita, da relação grafofônica, a decodificação simbólica da linguagem escrita, a compreensão do conteúdo proposicional) e interacionais (o conteúdo pragmático e as trocas comunicativas estabelecidas num contexto sociocultural amplo). Vigotsky (1984).

Levando em conta estes aspectos é que se destaca que as atividades trabalhadas como os alunos devem ser pensadas de acordo com estes fatores textuais para que os discursos que fazem parte da vivência social sejam reconhecidos e absorvidos pelos leitores. Fernando Pessoa (1999, p. 19) citado por Oliveira (2010) deixa claro que: “A palavra falada é um fenômeno natural; a palavra escrita é um fenômeno cultural”.

Não há como falar sobre a leitura e seus elementos importantes na prática do ensino sem retratar a escrita como consequência de uma boa leitura. Escrever é uma ação árdua que exige de quem a faz e de quem ensina. Seu processo de aprendizagem determina que alguns fatores sejam considerados, por ser uma atividade complexa porém enriquecedora.

[...] escrever não se limita a uma montagem mecânica de peças, segundo uma ordem pré-determinada. Mesmo quando activado um modelo ou esquema organizativo, continua a ser necessário considerar aspectos particulares ligados à adequação a finalidades, destinatários, contexto social em que se encontram quem escreve e quem lerá o texto. (BARBEIRO, 2005, p.30).

Assim como ler, escrever nos remete à aspectos individuais, referentes aos nossos conhecimentos, além das exigências de uma produção que siga regras, de forma a se adequar aos padrões de uma boa escrita. Organizar as ideias e expô-las de forma a atender o leitor. Para isso é necessário não somente obedecer as normas gramáticas em um correta estrutura textual, mas saber lidar com as características que daremos a produção, bem como suas intencionalidades. Vale ressaltar no embate entre escritor e leitor. Pensar em quem, quando e em que contexto se escreve e da mesma forma refletir estas questões visando o



leitor e as circunstâncias que o discurso será lido.

a aprendizagem da escrita é feita através da sua prática, pois ela não é um produto acabado, mas um processo em que se tem de resolver inúmeros problemas, como a tomada de decisões acerca daquilo que se quer dizer, a forma como se vai fazer e com que finalidade. Martins e Niza (1998) e Geraldi (1997).

Escrever exige prática, mas não é bom que seja uma atividade cansativa para quem a realiza, métodos que priorizam somente a gramática e tomam a mesma como princípio avaliativo, deixam a desejar quando se fala em essência da escrita. Ela se insere no contexto social, de vida política e cultural das pessoas. Situações em que os indivíduos possuem mais contato com textos que permeiam seus conhecimentos.

é preciso contribuir para que o processo de ensino e aprendizagem da escrita em ambiente escolar seja repensado e, talvez, transformado de modo a fazer



com que o aluno perceba que é por meio da produção de textos (orais e escritos) que ele se faz relevante na sociedade em que vive e que, portanto, esses textos são instrumentos poderosos o suficiente para fazer com que haja mudanças em sua condição de vida. Mesquita (2013, p. 8)

A escrita só acontece se considerarmos algo a ser escrita e se tivermos argumentos para discorrer sobre. A preparação de ideias acerca do tema é fator estimulante para o planejamento da escrita e posteriormente interligá-los aos outros elementos gramaticais, textuais, relevantes no desenvolvimento do texto.

não basta que ele forme um discurso escrito, é necessário, também, que domine os elementos responsáveis pela textualidade, de modo a permitir que um texto seja reconhecido como uma totalidade semântica e não como um conjunto aleatório de frases isoladas, como afirma Pécora (1999).

Para tanto, professores podem desenvolver os elementos da escrita através de um processo que influencia o aluno a entender a estruturação e objetivos da produção. Oliveira (2010) em seu texto aponta meios que fogem ao senso comum do ensino da escrita e traça como estratégias positivas a observação dos livros didáticos trabalhados e o processo avaliativo da produção.

A diversidade textual e o contato dos alunos como o mesmo, promovem o entendimento da intencionalidade que se lê e a consciência do que se escreve, enquanto produtores de novos textos a partir de conhecimentos elaborados, discutidos e organizados com a colaboração do professor, que permite a liberdade da escrita, criatividade e ascensão da aprendizagem dos educandos.

Neste âmbito cabe ao educador se desapegar um pouco das normas gramaticais, que também precisam ser corrigidas, mas não como se fosse o foco principal de um texto e procurar na produção de seus alunos os aspectos importantes, colocados através da particularidade deles sem desconsiderar o que dizem através do discurso. Embora entendamos que para que as modificações principalmente na prática da docência escolar também dependa das políticas públicas, que segundo Souza define como:

Campo do conhecimento que busca, ao mesmo tempo, “colocar o governo em ação” e/ou analisar essa ação (variável independente) e, quando



necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações e ou entender por que o como as ações tomaram certo rumo em lugar de outro (variável dependente). Em outras palavras, o processo de formulação de política pública é aquele através do qual os governos traduzem seus propósitos em



programas e ações, que produzirão resultados ou as mudanças desejadas no mundo real (SOUZA, 2003, p. 13).

As ações no contexto educacional para que sejam democráticas é preciso que todos se interessem por melhorias. Decisões precisam ser tomadas em todos os aspectos. A escola e suas ações dependem diversas vezes do que as normas governamentais permitem ou não na docência. O ensino encontra barreiras para que possamos transmitir conhecimento. E usando nossa experiência enquanto educadores podemos afirmar que em muitos momentos as políticas que regem a educação são teorias embelezadas, muitas delas pertinentes, embora na realidade escolar nem sempre elas são efetivadas.

Mesmo assim, precisamos nos ater ao que podemos fazer para melhorar a qualidade da educação e movimentar ideais neste sentido, na busca de uma prática eficiente, construtora e responsável pelo futuro da humanidade.

Considerações finais

Ao discutir sobre questões da leitura e escrita perante o ensino contextualizado, cabe dizer que a escola de modo geral pode repensar as atividades e didáticas utilizadas como padrões no desenvolvimento do ler e escrever. Usar estratégias para interpretação e produção de acordo com o contexto cultural e sociodemográfico dos alunos. A ideia é levar o aluno a identificar os tipos de textos e suas linguagens através da leitura de discursos comuns ao que eles possuem contato cotidianamente.

A conscientização a respeito da leitura e como ela se coloca de diferentes maneiras, bem como a elaboração textual por ela desencadeada é o foco da discussão. Logo, é papel do professor e o conjunto escolar proporcionarem situações em que se compreenda a mensagem escrita. Dessa forma, o educador é responsável por verificar o que é válido ou não em suas aulas de acordo com a necessidade dos estudantes.

Para que a leitura e escrita não se tornem superficiais e um processo de ensino mecanizado, objetivos devem ser melhores traçados nas discussões pedagógicas, tendo como princípio as particularidades de cada instituição e de seus discentes. Se faz necessário



transmitir informações e ações que permitem que os alunos cresçam neste aspecto.

Porém, dependemos de escolas e educadores que considerem aspectos lingüísticos, enciclopédicos, conhecimento formal e informal entre tantos outros fatores que fazem parte do saber popular e são tão importantes quando os transmitidos em sala de aula. Assim como políticas públicas que ofereçam autonomia para o professor dinamizar sua prática.

Desta forma, escrever e ler exigem uma concepção profunda da linguagem, para tanto toda produção ou entendimento do ler e escrever provém de um processo de envolvimento, no qual se especifica as intenções do que se vai ler ou escrever para o produtor em sala de aula. O professor media este processo, educando o aluno a entender como e de que forma ele conseguirá compreender as atividades propostas para que a mesma faça sentido a quem elabora ou interpreta um texto. Ao se organizar aulas neste aspecto passamos e concretizar a ideia de que a linguagem vai além das decodificações e organização de palavras, mas sim que ela faz parte da nossa estrutura humana.

Novas concepções a respeito da leitura e escrita são elencadas de forma a corroborar com a prática dos professores em relação à temática. Diante disso, o ensino de língua Portuguesa é estabelecido considerando à ligação entre teoria e prática a partir de métodos que atendem as expectativas nesse quesito, constatando a importância dos diversos conhecimentos lingüísticos dentro do processo de ensino aprendizagem da língua Portuguesa em todos seus aspectos.

Referências

BARBEIRO, L.F. ; L. A. PEREIRA. *O Ensino da Escrita: A dimensão textual*. Lisboa: Ministério da Educação – DGIDC, 2007.

BRITO, Danielle Santos. *A importância da leitura na formação social do indivíduo*. Periódico de Divulgação Científica da FALS. Guarujá. N. VIII. 35 p.2010. Disponível em: < www.fals.com.br/>

CAGLIARI, L.C. *Alfabetizando sem o ba- be- bi- bo- bu*. São Paulo: Spione, 1998.

GARCIA, L.F. *Conhecimento lingüístico e a aprendizagem da leitura e escrita*. Catalão, 2008. Disponível em: < <https://letras.catalao.ufg.br/>>

GERALDI, J.W.



Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

MARTINS, M. A E I. NIZA. *Psicologia da Aprendizagem da Língua Escrita*. Lisboa: Universidade Aberta, 1998.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?*/ Maria Helena Martins, 19. Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

MESQUITA, E.M.C. *O ensino da escrita: Diferentes contextos, diferentes métodos?* Anais do SILEL. Vol.3. n 1. Uberlândia, 2013. Disponível em: < <http://www.ileel.ufu.br>>

OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PÉCORA, A. *Problemas de redação*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999

SOUZA, C. *Políticas públicas: questões temáticas e de pesquisa*. Caderno CRH, Salvador, n. 39, jul./dez. 2003.

VIGOTSKY, L.S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Trad. José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1984.